Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: O Globo
Class.: 03
Data: 02/10/73
Pg.:

Índios Makurapê matam e comem 2 seringueiros

06 02/10/73

BRASILIA (O GLOBO) — Índios Makurapê, que vivem junto ao rio Guaporé, em Rondonia, mataram e comeram dois seringueiros que estavam em atividade na floresta. A tribo, que mantém contatos com os civilizados, há muito tempo não praticava a antropofagia. O fato foi comunicado à Delegacia Regional da Funai em Porto Velho pela delegacia de polícia de Guajará-Mirim.

Poucos dias depois que os seringueiros saíram para a floresta, onde recolheriam vasilhames deixados nas seringueiras, suas famílias comunicaram às autoridades policiais seu desaparecimento. A equipe designada para investigar o caso achou os ossos dos seringueiros numa clareira aberta por eles para colher a borracha. Os ossos estavam descarnados, e os policiais não se atreveram a ir até a aldeia dos Makurapê para pedir explicações.

Atritos

Segundo os técnicos, da Funai, são comuns os atritos entre índios e seringueiros, em Rondonia. Muitas vezes os índios atacam as casas de seringueiros e roubam-lhes todos os pertences, para amedrontá-los e fazer com que saiam de suas terras. A Funai não tem como evitar os atritos, que ocorrem sempre dentro da selva. Há uns dois meses os Pacas-Nova invadiram a choupana de um seringueiro, às margens do rio Negro Ocaia, no noroeste de Rondonia, e destruíram tudo o que existia. O fato foi levado ao conhecimento do delegado da Funai em Porto Velho, Valdirene dos Santos Monteiro, demitido há duas semanas.

Os antropólogos da Funai estão tentando determinar as causas que levaram os Makurapê a praticar mais uma vez a antropofagia.

É possível

"Levando-se em conta os fatos ocorridos antes do contato do grupo Makurapê com a "civilização", não é de estranhar que esses índios estejam novamente praticando a antropofagia", disse o presidente do Instituto Anthropos do Brasil, padre José Vicente César.

Ele explicou que a tribo pertence ao grupo dos Pacas?Nova, constatados há 18 anos pelo sertanista Francisco Meireles.

— Naquela época — recorda o sacerdote — falava-se muito na antropofagia desse grupo. Houve até um simpósio no Rio de Janeiro para se debater a questão, e uma revista carioca publicou fotos dos Makurapê comendo carne humana.

Revelou ainda que são muito comuns os ataques dos Makurapê a seringueiros e mateiros, assinalando que a antropofagia faz parte da religião do grupo indígena.

— Não se pode, portanto, estranhar que eles voltem a cumprir o ritual antropofágico, que deve ser compreendido, em primeiro lugar, dentro de seu contexto cultural. Por isso, os fatos relacionados com essa prática devem ser apurados por técnicos da Funai e não pela polícia. É bom lembrar que o índio é "irresponsável", perante a lei, e não deve ser castigado por atos dessa natureza.

Apoena triste na despedida

O olhar triste, as pernas pedida, o cacique Xavante Apoena, de 95 anos, deixou ontem o Rio, num avião bimotor da Funai, iniciando a viagem de volta à sua aldeia, à margem do rio das Mortes, em companhia dos filhos Uarodi, Parori e Sibopá, e levando, para distribuir entre os índios da tribo os muitos presentes que ganhou.

Apoena e os filhos vieram ao Rio especialmente para uma homenagem póstuma a Francisco Meirelles, junto ao túmulo do sertanista, no Cemitério do Caju. Ontem eles fizes pela boa acolhida que tivera mdurante quatro dias, mas tristes pela despedida. Dos quatro Xavante, só Uarodi fala um pouco de português. Quando lhe perguntaram, no aeroporto, se havia gostado do Rio, respondeu: "Bom. Muito bom. Gostar".

O cacique e seus três filhos abraçavam todas as pessoas que se aproximavam deles, no aeroporto. Quando caminharam para a pista, acenavam a todo instante para elas. Antes do embarque, revelaram que pretendiam chefiar Pimentel Barbosa e mostrar aos índios da tribo os presentes que haviam ganho: roupas, medicamentos e ferramentas.

O bimotor da Funai em que viajaram era comandado por Paulinho Rubens de Barros e tinha como copiloto João Batista da Silva, que eles chamam de "Limoeiro".

Apoena aproveitou sua permanência no Rio para visitar, no Instituto Benjamin Constant, a índia Bainé, com quem conversou horas seguidas, contando coisas da tribo.

Casa-se a filha de Diacuí

PORTO ALEGRE (O GLOBO) — Mais de três mil pessoas assistiram ao casamento de Diacuí, filha do sertanista Ayres Câmara Cunha e da índia Kalapalo Diacuí, realizado sábado passado na cidade gaúcha de Uruguaiana. Ela com 20 anos de idade e o marido José Antônio Dutra, com 21, começaram o namoro há dois anos e ficaram noivos no ano passado.

Diacuí — "Flor dos Campos" — nasceu a 10 de agosto de 1953, às margens do rio Kuluene, do alto Xingu, e foi trazida por seu pai para Uruguaiana quando tinha três meses de idade, porque sua mãe morreu algumas horas depois do parto. A menina foi criada por sua avó, D. Honorina Câmara Cunha, em casa de Arnóbio, um dos dez irmãos de Ayres. Diacuí estudou até a quarta série ginasial no Internato Bom Conselho, e agora, depois de casada, pretende fazer o curso de Contabilidade.

Multidão

O casamento foi realizado na Igreja Nossa Senhora do Carmo, sendo necessária a intervenção de um contingente da Brigada Militar para afastar a multidão que esperava o casal à saída. O celebrante, Frei Antônio de Leon, disse que há muitos anos não via tanta gente na igreja.

Ayres, hoje com 50 anos de idade, disse que viajará esta semana para o alto Xingu, a fim de anunciar aos Kalapalo o casamento de sua filha. Ele deixou o Serviço de Proteção aos Índios, depois da morte de sua esposa, Diacuí, e vive como eremita no interior do município. Seu sustento provém da renda de seus livros e de alguns terrenos que possui.

O passado

Ayres Câmara Cunha saiu de Uruguaiana aos 18 anos, em direção ao Araguaia. Durante três anos fez parte das expedições que tentavam atrair os Xavante, como funcionário do Serviço de Proteção aos Índios. Alistado na expedição Roncador-Xingu, chegou com seus companheiros, depois de vários meses de viagem, à aldeia dos Kalapalo. Em uma das malocas, Ayres viu Diacuí, com 15 anos de idade, impressionando-se com sua beleza. Durante um mês, ele freqüentou a taba, e a índia, a princípio muito assustada com a presença dos brancos, começou a tratá-lo afetuosamente.

Eles só voltaram a encontrar-se três anos depois, quando Ayres voltou ao Kuluene, e Diacuí, com 18 anos, permanecia solteira. O namoro recomeçou, mas foi interrompido por uma transferência do sertanista para outro posto. Após um ano e meio, ele foi designado responsável pelo Posto Kuluene, e decidiu casar com a índia, desde que conseguisse a permissão do SPI.

A notícia se espalhou por todo o País, motivando opiniões contraditórias de vários especialistas em assuntos indígenas. O SPI se manifestou contrariamente ao casamento, mas a pressão da opinião pública conseguiu que o Ministro da Agricultura, João Cleofas, aceitasse o recurso de Ayres contra a decisão do SPI.

Depois do casamento, Ayres e Diacuí voltaram ao Kuluene. A sua vida em comum, segundo os sertanistas do SPI, foi bastante difícil, devido às diferenças culturais. Finalmente, no dia 9 de agosto de 1953, quando Diacuí estava para dar a luz, Ayres teve que ir a Aragarças. Assistida pelas parteiras da tribo, Diacuí teve a filha às duas horas do dia 10, mas começou a sofrer uma forte hemorragia e morreu poucas horas depois. Ayres só voltou dois dias depois, quando sua mulher já estava enterrada.